

TRABALHO

Cresce a greve dos bóias-frias. E o PT perde espaço.

O movimento grevista dos bóias-frias do setor canavieiro, no interior de São Paulo, ganhou novas adesões ontem. De um total de 111.650 trabalhadores do setor, cerca de 92 mil estão parados, segundo informações da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado. Trabalhadores de mais duas cidades — Serrana e Santa Rosa de Viterbo — paralisaram o corte de cana, elevando para 29 os municípios nas regiões de Ribeirão Preto, Araraquara e São José do Rio Preto atingidos pelo movimento.

A atual greve dos cortadores de cana, no entanto, apresenta duas inovações importantes dentro da história recente dos movimentos de trabalhadores rurais do interior paulista. Uma delas é a ausência do PT e da CUT, cuja participação em outras greves do setor sempre serviu de justificativa para maior endurecimento das negociações por parte dos empresários, que atribuíam às paralisações um caráter eminentemente político.

Ao mesmo tempo em que o PT desaparece dos piquetes e das assembléias, surgem novas lideranças, cujo discurso é marcado pela moderação e objetividade, substituindo-se as inflamadas palavras de ordem pela constatação da difícil situação enfrentada pelos que vivem do corte da cana. Essa realidade, por sinal, os novos líderes conhecem muito bem, pois todos empunharam o farás pela primeira vez por volta dos dez anos de idade, característica que os aproxima do grosso da categoria. Isso explica, por exemplo, o elevado grau de mobilização alcançado em cidades como Sertãozinho, Pitangueiras e Barrinha, nas quais cerca de 30 mil bóias-frias estão de braços cruzados.

O principal exemplo dessa renovação é Pitangueiras, onde os nove mil cortadores de cana pararam e os piquetes conseguem reunir até 800 pessoas, segundo revela Idazir Olivatto, 32 anos, um dos fundadores e primeiro presidente do sindicato local da categoria, organizado em 1985. Embora filiado ao PMDB, Olivatto não admite envolvimento político direto na greve, ressaltando que "o problema dos cortadores de cana é econômico".

Essa disposição de evitar infiltrações que deturpem os movimentos dos trabalhadores rurais ficou clara, tão logo Idazir e os demais diretores do sindicato tomaram posse. "Nossa primeira preocupação — diz o líder sindical — foi procurar a imprensa para declarar que não queríamos que políticos decidissem quais os caminhos que deveríamos seguir."

Posição semelhante foi adotada pelo sindicato de Sertãozinho, que congrega 18 mil cortadores de cana, que desde novembro do ano passado tem como secretário-geral Milton José dos Santos, de 24 anos. A exemplo de Olivatto e das outras jovens lideranças, ele emergiu das comissões de greve constituídas em paralisações anteriores.

Sem filiação partidária, mas considerando-se "identificado" com o PMDB, ele acha que a presença de políticos nos movimentos de trabalhadores "deve existir, mas somente em nível de apoio". Todas as decisões, observa Milton José, "precisam ser tomadas exclusivamente pelos cortadores de cana, porque só assim a greve pode atingir seus objetivos".

Embora afirmem que o PT e a CUT jamais tenham conduzido as greves deflagradas nas cidades que formam a base dos sindicatos que dirigem, os novos líderes reconhecem que as duas organizações se estão afastando dos movimentos de trabalhadores rurais. Para sindicalistas como Alcides Ignácio, de Barrinha, e Milton José, de Sertãozinho, um dos fatores

que provocaram esse afastamento foi a atribuição infundada ao PT da responsabilidade pelas mortes de duas pessoas, em julho do ano passado, na cidade de Leme.

Mas o que apagou mesmo os rastros do PT na região de Ribeirão Preto foi a deserção de José de Fátima Soares, presidente do sindicato de Guariba, que se deixou seduzir pelo canto de sereia do PDS de Paulo Malta. Hoje, o polêmico líder sindical não poupa críticas ao partido que lhe proporcionou projeção nacional após os violentos incidentes de maio de 1984 e janeiro de 85. Na opinião de Fátima, "o PT e a CUT se esconderam da luta e até o Lula afastou-se dos trabalhadores depois que se sentou ao lado do Ulysses e do Delfim".

Cobertura de José Rosa Garcia, Carlos Alberto Nonino e Galeno Amorim

(Página 14)